



A CARTA DE CAMINHA E HISTÓRIA DA PROVÍNCIA SANTA CRUZ: BREVES COMPARAÇÕES

Rebeca Henriques da Costa

Universidade Estadual da Paraíba – UEPB – E-mail: xxxxxxxxxxxx@xxxxx.com

Edson Tavares Costa (Orientador)

Resumo

A Carta de Pêro Vaz de Caminha e “História da Província Santa Cruz” de Pêro de Magalhães Gândavo são duas obras de grande importância dentro do cenário da literatura informativa brasileira. Mesmo a Carta de Caminha tendo sido escrita no ano de 1500 e a obra de Gândavo em 1575, podemos fazer um paralelo entre elas e notarmos semelhanças em seus pensamentos sobre as coisas e os habitantes do Brasil. Caminha narra suas impressões da terra que acaba de ser descoberta, na tentativa de causar interesse de colonização no então Rei de Portugal Dom Manuel I, enquanto que Gândavo descreve suas impressões sobre uma colônia em ascensão nos interesses da coroa Portuguesa.

Palavras-chave: Brasil. Impressões. Semelhanças.

Abstract

The Letter of Pero Vaz de Caminha and "History of the Province of Santa Cruz " Pero de Magalhaes Gandavo are two works of great importance within the setting of informative literature . Even the Charter of walks having been written in the 1500s and Gandavo of work in 1575 , we can draw a parallel between them and to note similarities in their thoughts about things and the people of Brazil . Walks recounts his impressions of the land that has just been discovered in an attempt to cause colonization of interest in the then King of Portugal Dom Manuel I, while Gandavo describes his impressions of a colony on the rise in the interests of the Portuguese crown.

Keywords: Brazil . Prints. Similarities .

Introdução

A Carta de Pêro Vaz de Caminha, de 1500, marca um momento histórico, a chegada de Portugal às terras brasileiras; e a “História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil” foi produzida num período em que Portugal se encontrava em decadência e necessitava de recursos para se recompor – devido a este fato, foi importante para o autor escrever aos portugueses para lembrá-los de sua colônia e em que ela poderia ser usada como saída no momento de crise vivido na Europa. Mas o que haveria em comum entre elas? Que semelhanças podemos encontrar ao comparar as duas obras?

Caminha e Gândavo tinham por principal objetivo a informação. Ambos escreveram sobre a terra brasileira, compartilhando de visões parecidas de um nativo português diante de uma terra estrangeira. De todos os aspectos relatados, um deles chama bastante a atenção: no desenvolvimento da narrativa sobre os nativos, os dois escritores se detêm nas suas feições, alimentação, armas, e principalmente na possibilidade de catequizá-los.

A diferença temporal entre um escrito e outro é de aproximadamente 75 anos; o primeiro, produzido por Caminha, relata o encontro com a terra e narra episódios acontecidos entre portugueses e nativos; o segundo, escrito por Gândavo, foi publicado anos depois, consiste em um relato mais detalhado sobre os hábitos dos nativos e dados geográficos sobre a fauna e a flora da terra.

Neste trabalho, abordaremos as visões dos dois autores citados, explanando suas intenções ao escrever sobre os nativos, comentado suas impressões e dialogando com diversas partes dos textos.



Metodologia

O trabalho trata-se de uma análise comparativa de duas obras da literatura de informação: a carta de Pêro Vaz de Caminha e “História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil”, tendo como principal objetivo mostrar as semelhanças e diferenças em suas narrações. Iremos abordar os aspectos que considerarmos principais, expondo nossa interpretação das possíveis intenções que os escritores tiveram.

Mostraremos partes dos textos que reforçam nossa visão, comentando-as e fazendo a conexão entre as duas obras. Serão utilizadas as visões de Fonseca (2000), sobre a Carta de Caminha, e de Lima (2010), sobre a “História da Província de Santa Cruz”, de Gândavo.



Análise

Através das obras de Caminha e Gândavo, podemos encontrar as impressões que os portugueses tiveram ao se deparar com as terras da colônia. Diante de vários aspectos relatados nas obras, refletiremos primeiramente sobre o título do texto de Gândavo "História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil". Ele faz questão de trazer um nome de marca religiosa original para terra, que até então só era lembrado por sua extração de pau-brasil, o principal e maior produto de interesse dos portugueses. Em relação a isso Gândavo afirma:

Por onde nam parece razam que lhe neguemos este nome [Santa Cruz], nem que nos esqueçamos delle tam indevidamente por outro que lhe deu o vulgo mal considerado, depois que o pau da tinta começou de vir a estes Reinos; ao qual chamaram brasil por ser vermelho, e ter semelhança de brasa, e daqui ficou a terra com este nome de Brasil. Mas para que nesta parte magoemos ao Demonio, que tanto trabalhou e trabalha por extinguir a memoria da Santa Cruz e desterra-la dos corarões dos homens, medeante a qual somos redimidos e livrados do poder de sua tirania, tornemo-lhes a restituir seu nome e chamemos-lhe Província de Santa Cruz, como em principio. (Gândavo, 1980, p. 6)

Percebemos, então, que a ideologia religiosa do autor já começa do título, devido à grande influência da religião católica sobre o povo português, vinda desde o teocentrismo europeu da idade média. Gândavo opta por substituir o nome Brasil, que representava a cor avermelhada, semelhante a uma brasa, associada às cores do inferno, por uma província com o um nome que remetesse à santificação.

[...] nada contra a exploração comercial da madeira, somente que tal prática não pode nunca transformar-se em nome da terra, pois, nessa troca de madeira, substituir-se-ia a sagrada – a madeira da cruz! – pela mundana, na qual se manifesta a presença viva (e colorida) do diabo. (LIMA, 2010, p. 4)



Lima chega a criticar, não apenas nessa citação, o nome que os Portugueses deram à nova terra. Utilizando-se de argumentos, principalmente religiosos, Lima expõe seu desagrado quanto ao descaso dos recém chegados aos cultos indígenas, nomeando a terra com o que ele chama de “madeira mundana”, explorada pelos portugueses e usada a partir daí para nomear o terreno.

Esse conceito reforça a ideia de que os portugueses desconsideravam a cultura dos nativos, indo contra tudo que os índios acreditavam, adoravam e cultuavam, numa tentativa de impor o poder e a religião, que, para os portugueses, era a verdade absoluta, talvez achando que desta forma apresentavam aos nativos uma “vida melhor”. Gândavo chega a reservar um capítulo inteiro de seu livro para falar apenas do trabalho religioso feito pelos padres da Companhia de Jesus no Brasil. Tendo como título “Do fruto que fazem nestas partes os padres da companhia com sua doutrina”, o capítulo fala do sucesso que os portugueses estavam obtendo no processo de evangelização dos índios.

Caminha também traz o aspecto religioso em sua carta, mostrando a enorme possibilidade de catequização dos indígenas, pois, ao seu ver, o povo era de grande inocência e isso seria um ponto muito positivo para uma aceitação da religião católica, visto que os nativos não tinham sofrido influência de qualquer outra religião e podiam assim ser considerados uma folha de papel em branco, facilitando o trabalho dos padres que viriam catequizá-los. E, segundo o que a mim e a todos pareceu, esta gente não lhes falece outra coisa para ser toda cristã, senão entender-nos, porque assim tomavam aquilo que nos viam fazer, como nós mesmos, por onde nos pareceu a todos que nenhuma idolatria, nem adoração têm. E bem creio que, se Vossa Alteza aqui mandar quem entre eles mais devagar ande, que todos serão tornados ao desejo de Vossa Alteza [...] Assim, Senhor, a inocência desta gente é tal, que a de Adão não seria maior, quanto a vergonha.

Um fato que nos chama a atenção é a criação do paralelo que Caminha realiza entre os índios com o povo de Adão, fazendo uma ponte para mostrar o contexto em que os índios estavam inseridos; ele os apresenta tais como os personagens da Bíblia, que não tinham consciência do que era certo e errado, na visão cristã, portanto, para eles, não existia pecado.



[...] quando, na carta de achamento, se sublinha a inocência, ou seja a não consciência da nudez por parte dos indígenas, está-se provavelmente a pensar – e todos quanto em Lisboa a vão ler provavelmente também o pensam – no versículo do Génesis (3.7.), onde se conta que a Adão e Eva, depois do Pecado, abriram-se-lhes os olhos a ambos e perceberam que estavam nus... Isto é, no discurso da Carta, a inocência é prova de que não houve pecado, ou seja, é ela que redime a bestialidade dos índios brasileiros. (FONSECA, 2000, p. 6)

No que diz respeito ao relato e à descrição dos índios, Gândavo o faz detalhadamente, em todos os hábitos e costumes dos povos que se encontram no novo continente. Ele relata que, diferentemente dos europeus, que estavam acostumados a expandir seu território e suas conquistas, os índios viviam uma vida pacata, com o foco apenas na luta pela sobrevivência. Ele chega a defini-los em três verbos: "comer, beber e matar gente". Por várias vezes, menciona-os como descansados, que vivem à custa de pouco trabalho e sem grandes ambições.

Os nativos que ali viviam não se preocupavam em buscar terras, isso demonstraria uma facilidade na colonização da terra recém descoberta. Esta facilidade é demonstrada na obra de Gândavo desta forma, ao mesmo tempo em que critica o costume dos índios, de apenas “sobreviver”.

Em relação às características dos índios, Caminha relata com detalhes a chegada dos portugueses ao Brasil. Que de longe avistaram os primeiros habitantes, os quais eram, de acordo com sua descrição, pardos, um tanto avermelhados, de bons rostos e narizes, nus, traziam arcos e setas, o beijo de baixo furado com um osso metido nele, cabelos corredios e corpos pintados. Povos aparentemente dóceis, que andavam nus, sem cobrir as "vergonhas", não carregavam ouro nem metais preciosos, eram amigáveis e não tinham armas de fogo. Caminha descrevia os costumes indígenas com certo desprezo, mostrando quão diferentes eram dos europeus.



Outro aspecto que não pode ser deixado de fora encontra-se no julgamento que Gândavo faz sobre o sistema religioso dos nativos, apenas por uma limitação encontrada na língua. Gândavo afirma:

Alguns vocabulos há nella de que nam usam senam as femeas, e outros que nam servem senam pera os machos: carece de tres letras, convem a saber, nam se acha nella F, nem L, nem R, cousa digna despanto porque assim nam têm Fé, nem Lei, Nem Rei, e desta maneira vivem desordenadamente sem terem alem disto conta, nem peso, nem medido. (GÂNDAVO, 1980, p. 25)

Gândavo se utiliza de argumento vago para criticar o sistema organizacional da sociedade indígena, não haver as letras F, L e R no vocabulário indígena e, portanto, não haveria organização, pelo menos não a organização que havia na sociedade portuguesa. Não sendo apenas uma crítica, mas algo que os portugueses (ao menos sob o julgamento dos colonizadores) precisavam levar àquela sociedade recém descoberta, precisavam levar a eles a Fé **portuguesa**, a Lei **portuguesa** e o Rei, claro, **português**.

Há, nas duas obras, relatos que engradem a fauna e a flora brasileira; ambos não poupam adjetivos para descrever a grandiosidade da terra. Gândavo descreve, em um capítulo específico sobre flora (“Das plantas, mantimentos e frutas que há nesta província”), alimentos cultivados no Brasil, como a mandioca e os ananases. Gândavo também se alonga bastante em descrever a fauna, pois, à vista dos portugueses, era considerada muito exótica e bonita; ele atenta principalmente para a beleza das aves do local, devido à grande diversidade. Além da beleza de alguns animais, ele mostra a variedade de outros que servem para alimentação, e usa os animais de Portugal para fazer comparações.

A descrição de uma fauna e flora diferenciada referenciava as ambições portuguesas. O que eles poderiam tirar daquela terra? Novos animais, novas peles, novas carnes, e nova fauna, novas matérias primas. Ou seja, a grandiosidade da terra é apenas um “inventário” do que aqui havia, e o que eles poderiam explorar, uma demonstração de interesse.

No entanto, o que mais interessaria ao leitor de Portugal seria a possibilidade de haver muitas pedras preciosas no lugar, e, sobre este ponto, o relato de Caminha chama bastante a atenção, pois conta um episódio que, com certeza, indicaria a presença de ouro e prata no local.



O quadro é claramente teatral. Cabral está sentado, em pose, rodeado da gente da sua nau, e de alguns capitães. Quando os índios entram em silêncio, um deles, apontando para o colar de ouro que o capitão tem ao pescoço e para um castiçal de prata, faz vários gestos, que os portugueses interpretam como indicativos de que em terra há ouro e prata. (FONSECA, 2000, p. 4)

Exatamente neste ponto, apresenta-se o maior interesse da coroa portuguesa, as pedras preciosas, este era o ponto principal da colonização, a qual ocorreria sem luta, sem muito esforço, e o retorno seria incrível. Nova matéria prima, novas peles, e agora uma riqueza inimaginável para a coroa portuguesa. Sob estes aspectos, a estratégia de colonização foi traçada.

Gândavo também especula a possibilidade de se acharem metais preciosos naquela terra, no capítulo XIV da sua obra, mas, diferente de Caminha, ele aponta para uma localidade específica da província, o sertão, de onde vinham relatos de que o ouro e a prata eram em grande abundância.

E sabe-se de certo que está toda esta riqueza nas terras da Conquista de ElRei de Portugal, e mais perto sem comparaçam das povoações dos Portuguezes, que dos Castelhanos. [...] Do preço dellas nam trato aqui, porque ao presente o nam pude saber, mas sei que assi destas como doutras há nesta Provincia muitas e mui finas, e muitos metaes, donde se pode conseguir infinita riqueza. (GÂNDAVO, 1980, p. 36)

Gândavo deixa claro o intuito da coroa portuguesa, em explorar os metais preciosos da terra. Ainda afirmando que os portugueses estão mais próximos da colonização do que os espanhóis. Nem preço ele pôde estipular, de tamanha riqueza que se encontrava na terra, uma riqueza que apenas lutava contra o tempo, em relação a outros colonizadores.

Toda esta descrição das maravilhas da terra brasileira, em especial a especulação das pedras preciosas, na carta de Caminha e na obra de Gândavo, tinha uma intenção principal, tudo é escrito com um velado objetivo. O da carta de Caminha mostra ser claramente a tentativa de causar interesse de colonização da terra, por parte do Rei de Portugal Dom Manuel I; a exaltação da terra é vista, então, como uma necessidade. Já no contexto histórico da obra de Gândavo, com a terra já inicialmente colonizada, obviamente o interesse era outro. Além de documentar o que não havia sido registrado até aquele momento, ele também tinha o objetivo de cativar leitores de Portugal para que viessem morar naquela colônia, em especial uma classe de portugueses:

[...] parece cousa decente e necessária terem também os nossos naturaes a mesma notícia, especialmente pêra que todos aquelles que nestes Reinos vivem em pobreza nam duvidem escolhe-la para seu emparo: porque a mesma terra he tal, e tam favorável aos que vão buscar, que a todos agazalha e onvida com remédio por pobres e desamparados que sejam. (GÂNDAVO, 1980, p. 5)

O autor apresenta nesse ponto os benefícios da terra para os que escolherem morar lá, precisariam de mais pessoas para que se expandisse a colonização. Então ele faz um convite, que a escolham para seu amparo, e assim cresçam a colônia e a exploração, fazendo isso de forma mais rápida e eficiente.

Caminha também se utiliza de um estilo claro e marcado por objetividade, visto que a carta tinha como intenção informar. Portanto, ele escreve de uma maneira semelhante a um relatório. A carta vai se lapidando e fazendo analogia com o que se conhecia em Portugal, devido à falta de conhecimento prévio dos leitores em relação aos elementos que existiam na terra.

[...] O índio, ao contrário do que se esperava, não é um oriental (o seu nome é um equívoco) e todo o saber sobre o exótico, seja ele o do mais familiar, africano, ou mais estranho (apenas noticiado), oriental, não se adapta ao ente descoberto” (FONSECA, 2000, p, 10)



Conclusão

Vimos, neste trabalho, a importância das obras de Gândavo e Caminha, percebemos a relação que podemos fazer entre elas, pois os autores tratam de assuntos parecidos e descrevem os fenômenos de forma semelhante.

Enquanto Caminha considera o índio como um homem bom, simples e de fácil aceitação da doutrinação cristã, Gândavo os vê como selvagens, verdadeiros animais. Contudo, não importa se índios eram bons ou maus, nenhum dos autores se preocupavam com seu idioma, seus cultos, sua cultura, uma vez que induziam seus leitores à colonização e a tirar proveito da terra. Verificando então as intenções dos escritores, percebemos que, mesmo tratando-se de literatura informativa, seus textos não são rasos e secos. Exploram em detalhes todos os pontos de interesse da terra, como a fácil colonização dos nativos e tudo o que poderia ser extraído.

Por fim, percebemos que a carta de Caminha e “História da Província Santa Cruz a que vulgarmente chamamos de Brasil” são escritos que não devem ser esquecidos, muito pelo contrário, devem ser apreciados e preservados pelas gerações seguintes, como um registro do que aconteceu nas origens do nosso país, o Brasil.



Referências Bibliográficas

CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Disponível em http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf, acesso em 01/05/2016.

FONSECA, Luís Adão da. O sentido da novidade na carta de Pero Vaz de Caminha. **Revista USP**, São Paulo, n. 45, p. 38-47, março/maio 2000. Disponível em www.revistas.usp.br/revusp/article/download/30107/31992, acesso em 01/05/2016.

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. **Tratado da Terra do Brasil; História da Província Santa Cruz**, Belo Horizonte-MG: Itatiaia, 1980.

LIMA, Francisco Ferreira de. Gândavo e a História. **Labirintos**. UEFS. Feira de Santana-BA, nº 08, segundo semestre/2010. Disponível em http://www1.uefs.br/nep/labirintos/edicoes/02_2010/04_dossie_francisco_ferreira_de_lima.pdf, acesso em 01/05/2016